

## **APRENDER, DESAPRENDER, REAPRENDER:**

### **UM DESAFIO DIDÁTICO-DIALÉTICO**

João Luiz Gasparin

Programa de Pós-Graduação em Educação: Mestrado e Doutorado

Universidade Estadual de Maringá - PR

A vida nos ensina, por isso aprendemos. A aprendizagem não necessita da escola. A função da escola é fazer-nos desaprender tudo o que aprendemos antes. E no processo de desaprendizagem, reaprendemos tudo novamente sob um novo olhar.

Todas as teorias pedagógicas, de certa forma, seguem esse caminho, por isso, o processo didático – aprender, desaprender, reaprender – pode ser conduzido também pela pedagogia histórico-crítica, cuja base é o materialismo histórico-dialético. Essa teoria pedagógica trata da apreensão do conhecimento científico-cultural, na escola, através das três fases do método dialético de elaboração do conhecimento que se expressam no processo: prática-teoria-prática. Esses três momentos do método fundamentam a teoria histórico-cultural de Vigotski que se concretiza nos seguintes momentos: a) o nível de desenvolvimento atual do educando, isto é, o que o aluno realiza sozinho, independentemente do professor; b) a zona de desenvolvimento imediato, que consiste no trabalho de aprendizagem que o educando somente consegue desenvolver com o auxílio do professor ou de alguém mais experiente; c) e o retorno ao nível de desenvolvimento atual, em estágio mais elevado e concreto, que passa a ser a nova forma de ação do aluno, sem a presença do mestre.

Essas três fases da ação docente-discente expressam-se na proposta da pedagogia histórico-crítica de Saviani que se traduz em cinco passos fundamentais: Prática Social Inicial, Problematização, Instrumentalização, Catarse e Prática Social Final.

Nossa proposta de ação docente-discente traduz, pois, para a didática os pressupostos do método dialético de elaboração do conhecimento, a teoria histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica. Essa forma de trabalho constitui-se uma nova didática na qual o professor, não trabalha *pele* aluno, nem *contra* o aluno, mas *com* o aluno. Nessa perspectiva, Vigotski (2001, p. 341), referindo-se à aprendizagem dos conceitos científicos, afirma que o educando os havia aprendido porque “ao trabalhar o tema *com* o aluno, o professor explicou, comunicou conhecimentos, fez perguntas, corrigiu, levou a própria criança a explicar”.

Esta metodologia dialética de ação docente-discente parte da prática social, vai à teoria e retorna à prática social. Estes três momentos do processo representam as fases de aprendizagem, desaprendizagem, reaprendizagem. Assim, a prática social que o educando leva para a sala de aula é a aprendizagem que ele realizou fora da escola, anteriormente, sem a ajuda do professor, ou em anos anteriores de escolaridade. É tudo o que já sabe. O segundo momento, a teoria, é um salto para frente, realizado com a ajuda do professor. Numa linguagem figurada, podemos dizer que o aluno, neste passo, desaprende o que já sabia, isto é, passa do empírico, do cotidiano para a dimensão científica do conteúdo, o que possibilita uma nova visão mais elevada teoricamente do saber. Neste processo de passar do que sabia para o que ainda não conhecia, dá-se, intelectualmente, um novo salto que é a reaprendizagem, onde se unem o cotidiano e o científico em uma nova dimensão.

Este processo todo se desenvolve nos cinco passos propostos por Saviani na Pedagogia Histórico-Crítica.

Cada um dos cinco passos em que se divide a nova didática tem como objetivo envolver o educando na aprendizagem significativa dos conhecimentos científicos. Desta forma, os conteúdos são estudados na interligação que mantêm com a prática social próxima e remota dos educandos.

A primeira fase deste processo pedagógico – **a prática social inicial**: nível de desenvolvimento atual do educando – se expressa pela prática social inicial do conteúdo. Tem seu ponto de partida no conhecimento prévio do professor e dos educandos. É o que professor e alunos já sabem sobre o conteúdo, no ponto de partida, em níveis diferenciados.

Este passo desenvolve-se, basicamente, em dois momentos: a) o professor anuncia aos alunos os conteúdos que serão estudados e seus respectivos objetivos; b) busca conhecer, através de um diálogo com os educandos, qual a vivência próxima e remota cotidiana desse conteúdo, antes que lhe seja ensinado em sala de aula, desafiando, ao mesmo tempo, os educandos para que manifestem suas curiosidades, ou seja, o que gostariam de saber a mais sobre esse conteúdo.

A segunda fase do método – **a teoria**: zona de desenvolvimento imediato do educando – estrutura-se em três passos: problematização, instrumentalização e catarse.

A problematização consiste na explicitação dos principais problemas postos pela prática social, relacionados ao conteúdo que será tratado. Este passo desenvolve-se na realização de: a) uma breve discussão sobre esses problemas em sua relação com o conteúdo científico do programa, buscando as razões pelas quais o conteúdo escolar merece ou precisa ser aprendido; b) em seguida, transforma-se esse conhecimento em questões, em perguntas problematizadoras levando em conta as dimensões científica, conceitual, cultural, histórica, social, política, ética, econômica, religiosa etc., conforme os aspectos sob os quais se deseja abordar o tema, considerando-o sob múltiplos olhares. Essas dimensões ou essas questões sobre o conteúdo não serão trabalhadas nesta fase, mas sim na próxima, a instrumentalização.

A instrumentalização se expressa no trabalho do professor e dos educandos para a aprendizagem. Para isso, o professor: a) apresenta aos alunos, através de ações docentes adequadas, o conhecimento científico, formal, abstrato, conforme as dimensões escolhidas na fase anterior; os educandos, por sua vez, por meio de ações específicas para a apropriação do conteúdo, estabelecerão uma comparação mental com a vivência cotidiana que possuem desse mesmo conhecimento, a fim de se apropriar do novo conteúdo; b) neste

processo usa-se de todos os recursos necessários e disponíveis para o exercício da mediação pedagógica.

A catarse é a expressão elaborada da nova forma de entender a teoria e a prática social. Ela se realiza: a) por meio da nova síntese mental a que o educando chegou; manifesta-se através da nova postura mental unindo o cotidiano ao científico em uma nova totalidade concreta no pensamento. Neste momento o educando faz um resumo de tudo o que aprendeu, segundo as dimensões do conteúdo estudadas. É a elaboração mental do novo conceito do conteúdo; b) esta síntese se expressa através de uma avaliação oral ou escrita, formal ou informal, na qual o educando traduz tudo o que aprendeu até aquele momento, levando em consideração as dimensões sob as quais o conteúdo foi tratado.

A terceira fase do método – **nova prática social final**: novo nível de desenvolvimento atual do educando – consiste em assumir uma nova proposta de ação a partir do que foi aprendido. Este passo se manifesta: a) pela nova postura prática, pelas novas atitudes, novas disposições que se expressam nas intenções de como o aluno levará à prática, fora da sala de aula, os novos conhecimentos científicos; b) pelo compromisso e pelas ações que o educando se dispõe a executar em seu cotidiano pondo em efetivo exercício social o novo conteúdo científico adquirido.

O desafio que se apresenta, neste momento, à educação, à escola, aos professores e aos alunos é: como iniciar e desenvolver esse processo didático-pedagógico?

Uma possível resposta é: a) assumir o desafio de conhecer teoricamente a proposta e criar condições para implantar essa mudança didático-pedagógica na escola; b) por em prática a nova didática para a pedagogia histórico-crítica, iniciando pela nova forma de planejar os conteúdos e as atividades escolares, e executando-as com os alunos.

A teoria e a prática dessa proposta implicam numa profunda reforma do pensamento, das idéias, das concepções, o que somente se consegue com muito esforço, dedicação, estudo, experimentações, coragem de inovar, de divergir, de arriscar, de assumir desafios. Daí que não são suficientes boas intenções, nem apenas mudanças de orientação na educação, na reforma de currículo, na elaboração do projeto político-pedagógico. Torna-

se necessário transformar a teoria da pedagogia histórico-crítica numa didática e esta numa oficina, num laboratório onde professores e alunos e toda a equipe pedagógica e técnico-administrativa participem ativamente no encaminhamento da nova proposta educacional.

Em sala de aula, contudo, cabe ao professor implementar, na prática, esse desafio. Isso ele conseguirá à medida que, segundo a teoria vigotskiana, **trabalhar com** os alunos explicando, comunicando conhecimentos, fazendo perguntas, corrigindo e possibilitando que os alunos dêem sua explicação, partindo da prática, indo à teoria e retornando à prática.

Acreditamos que esta é uma forma eficaz de enfrentar **os desafios educacionais, num mundo complexo** e, ao mesmo tempo, de iniciar, na prática, o DESAFIO DIDÁTICO-DIALÉTICO: APRENDER, DESAPRENDER, REAPRENDER, pois a “finalidade de nossa escola é ensinar a repensar o pensamento, a ‘des-saber` o sabido e a duvidar de sua própria dúvida; esta é a única maneira de começar a acreditar em alguma coisa”.